

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Talita Botelho de Paula

**CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS EM “A MODA” DE SIMMEL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho

Juiz de Fora  
2017

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Talita Botelho de Paula, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473145012, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS EM “A MODA” DE SIMMEL desenvolvido durante o período de 05 de fevereiro de 2017 a 03 de julho de 2017 sob a orientação do Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Talita Botelho de Paula**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS EM “A MODA” DE SIMMEL

Talita Botelho de Paula<sup>1</sup>

## RESUMO

Nossa roupa é nossa segunda pele, nosso corpo está em contato com ela por quase nossa vida toda e é através dela que nos apresentamos ao mundo. Ela faz parte da nossa identidade e nossa identidade também faz parte dela, pois participa de sua escolha. A filosofia sendo uma forma de encarar a vida, por que relacionar a moda e a filosofia parece ser um tema ignorado pelos estudos das humanidades?

Assim, uma análise filosófica da moda, ainda que pareça improvável relacionar algo “reconhecida como abstrata com algo de ordem mais pragmática” (PRECIOSA, 2007, p. 41), se faz necessária, pois a filosofia é uma forma crítica de encarar a vida e “a moda não é nada além de uma forma de vida entre outras” (SIMMEL, 2008, p. 165). Assim, apresentar as concepções filosóficas do devir e da mimese para a construção de uma teoria da moda em “A moda” de Simmel é objetivo desse artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** filosofia, moda, Simmel.

## 1. INTRODUÇÃO

“A Filosofia não é um conjunto de conhecimentos ou de doutrinas, mas uma atitude ou posicionamento perante a vida” (FEITOSA, 2004, p. 16). A partir dessa afirmação de Charles Feitosa podemos voltar nosso olhar a uma breve análise da história da filosofia para perceber que, apesar da filosofia não ser somente um conjunto de doutrinas e sim uma atitude crítica perante a vida, essa atitude é o que incita as doutrinas filosóficas. Sendo essas, doutrinas que serviram à humanidade e ainda hoje nos servem de base para a pesquisa científica na área das ciências humanas.

Assim, uma análise filosófica da moda, ainda que pareça improvável relacionar algo “reconhecida como abstrata com algo de ordem mais pragmática” (PRECIOSA, 2007, p. 41.), se faz possível e necessário, pois a filosofia é uma forma crítica de encarar a vida e “a moda não é nada além de uma forma de vida entre outras.” (SIMMEL, 2008, p. 165)

O filósofo alemão Georg Simmel conhecido por suas obras de investigação cultural nos propicia uma análise filosófica da moda. Em sua obra “Die mode”, uma das primeiras obras a tratar da moda como objeto central de estudo científico, o autor apresenta como as concepções filosóficas conceituadas desde a filosofia clássica participam de um sistema fundamental da teoria da moda.

É preciso ressaltar que a moda aqui aparece como algo para além de suas manifestações como trajes, gestos, gostos ou atitudes. E sim, constituindo-se como um fenômeno cultural, um sintoma antropológico, originado pela dinâmica de cópia-inovação entre a burguesia e nobreza entre fim da Idade Média e início do Renascimento, ou seja, “um produto da divisão de classes” (SIMMEL, 2008, p. 166). Sendo a roupa e o vestuário em geral o domínio arquetípico da moda. Mais tarde, a moda se fortalece dentro dessa dinâmica se tornando algo criado por sujeitos sociais - que compreendendo sua dinâmica se aproveita dela - para outros sujeitos sociais. Neste momento, “não é o caso de um artigo produzido em algum lugar virar moda e sim da produção de artigos com a finalidade de se tornar moda” (SIMMEL, 2008, p. 167).

---

<sup>1</sup> Bacharelanda Graduanda no curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [t.botelho@hotmail.com](mailto:t.botelho@hotmail.com). Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho

Dessa forma, a investigação das doutrinas filosóficas que constituem a teoria de Simmel em “A moda” nos permite estabelecer uma relação entre a filosofia e a moda. Assim, esta pesquisa visa, através da análise de “A moda”, investigar como o autor emprega os conceitos filosóficos do dualismo, devir e da mimese para a construção da teoria da moda.

Explorar a concepção filosófica do devir, analisa-la em relação à dinâmica da moda proposta por Simmel articulando com as dinâmicas sociais do início do século XX é o propósito que se quer alcançar com esse projeto de pesquisa. Frisar a presença da doutrina aristotélica da mimese em “A Moda” para a construção de uma teoria da moda que se baseia na reprodução. E assim, apresentar os conceitos filosóficos que corroboram para as bases de uma teoria da moda proposta inicialmente por Simmel para defender uma visão filosófica da moda e seu sistema.

## **2. GEORG SIMMEL E A MODA**

### **2.1 O AUTOR**

O filósofo alemão George Simmel (Berlim, 1858 - Strasbourg, 1918) ficou conhecido por sua produção bibliográfica associada à sociedade, economia, cultura sendo um grande nome para o desenvolvimento de uma sociologia formal. Suas obras mais reconhecidas são “Philosophie des Geldes” (Leipzig: Duncker & Humblot, 1900, segunda edição 1907), “Soziologie” (Leipzig: Duncker & Humblot, 1908), “Grundfragen der Soziologie” (Berlin: Göschen, 1917).

Em 1895, Simmel publicou o ensaio “Zur Psychologie der Mode”, esta seria uma primeira versão de seus estudos sobre a moda. Mais tarde, em 1905, o autor publica uma continuação revista de seus estudos como “Philosophie der Mode”. Por fim, em 1919, Simmel publica “Die Mode” (“A Moda” em português) como parte da obra “Philosophische Kultur” (Leipzig, Kröner, 1919), colocando a moda como tema central desse capítulo e nos proporcionando uma versão final de seus estudos a respeito da moda.

No Brasil, “A Moda” integra a obra “Filosofia da Moda e outros escritos” (Martins Fontes, 2008) juntamente com os textos “Psicologia do adorno” e “Psicologia da coqueteria”. A obra sendo atualmente de domínio público foi também publicada na revista acadêmica IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte (Vol. 1 no 1 ano 2008).

### **2.2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO DE “A MODA”**

Sendo “A moda” a base teórica dessa pesquisa se faz importante conhecer as características do momento histórico e social do desenvolvimento desta obra.

O autor iniciou os estudos que compuseram a obra “Cultura Filosófica” em 1890 e a publicou em 1919, nesses quase trinta anos de pesquisa Simmel viveu em um ambiente social propício para o desenvolvimento científico. A Alemanha estava unificada desde 1871 e, desde então, o Estado estava determinado a estimular o desenvolvimento científico promovendo o desenvolvimento industrial e sua produção, bem como os centros de ensino e pesquisas. Acabou por surgir uma nova classe social, agora os intelectuais, ainda que não houvessem tradição familiar ligada às altas classes sociais, conseguiram se estabelecer como personagens importantes dentro da sociedade alemã.

Além desse espírito de desenvolvimento científico, Simmel, nesses quase trinta anos de pesquisa, viveu sob a influência do espírito da Modernidade. Essa influência do espírito da Modernidade pode ser observada na efervescência na mudança dos trajes e costumes.

Na década de 1850 as saias femininas ganharam volumes prodigiosos através de armações chamadas crinolinas, o volume representava o prestígio e poder da burguesia favorecida pela Revolução Industrial, pois agora os trajes da nobreza e burguesia possuíam o mesmo estilo. Já em 1860, o volume circular da saia foi se

deslocando para a parte de trás do corpo, a crinolina foi substituída por uma anquinha, sendo essa silhueta a marca da década de 1870. As cinturas foram se afinando através do uso do espartilho pelo lado de fora do traje e as mangas se ampliando em 1880. Sob a influência da *art nouveau* a silhueta feminina se modificou se tornando curva em formato de “s”. Essa foi a característica das roupas femininas na primeira década do século XX. Sendo a moda um reflexo de seu tempo, as roupas femininas se modificaram para atender às necessidades impostas pela insurreição da Primeira Grande Guerra Mundial em 1914. Nesse recorte histórico também se destacam a ampliação da produção e acesso às máquinas de costura e a formatação e difusão da Alta Costura por Charles F. Worth.

Nesses vinte e nove anos de pesquisa, a moda se modificou sob as demandas de sua sociedade, sendo um reflexo de seu tempo, assim se tornando um tema atraente para a investigação científica de Simmel.

### 2.3 SURGIMENTO DA MODA

Ainda que este artigo não seja dedicado à história da indumentária e da moda, se faz oportuno ressaltar que o fenômeno da moda como conhecemos hoje teve seu início no processo de transição da Idade Média para o Renascimento. O filósofo francês Gilles Lipovetsky explica como o processo de transformação aconteceu: “Essencialmente em razão do aparecimento de um tipo de vestuário radicalmente novo, nitidamente diferenciado segundo os sexos: curto e ajustado para o homem e longo e justo para a mulher. Revolução do vestuário que lançou as bases do trajar moderno”, o autor continua: “Transformações que instituí uma diferença muito marcada, excepcional, entre os trajes masculinos e femininos, e isso para toda a evolução das modas futuras até o século XX.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 31)

Além dessa diferenciação entre os gêneros, outro fator foi de fato determinante para a constituição da moda: os nobres da corte de Borgonha insatisfeitos com a burguesia que confeccionavam seus trajes copiando o estilo da indumentária nobre, passaram a se preocupar com o fator de distinção social que deixava de existir. Procurando manter a diferenciação os nobres buscavam inovar no estilo dos trajes, a fim de evitar a cópia. Porém, a burguesia composta pelos mercantilistas era uma classe abastada que teve sua ascensão financeira favorecida pelas rotas comerciais criadas durante as Cruzadas. Essa abertura das fronteiras permitiu o comércio de produtos orientais e o acúmulo de bens pelos comerciantes.

Percebemos assim, que o conceito de moda teve sua origem na necessidade de diferenciação e reprodução. O resultado foi o processo de mudança precoce do estilo, sendo este, exatamente o traço mais característico desse sistema. Podemos dizer que a moda existirá enquanto o sentimento de amor pelo novo for um hábito, uma exigência cultural.

A busca pela elegância que movia os nobres se tornou um fenômeno que atingiu os costumes, hábitos, escolhas e gostos de forma coletiva e a mudança se tornou um padrão de comportamento. Se antes ela acontecia inconscientemente, agora ela era proposital e necessária. Segundo Svendsen, “a moda só se configura quando a mudança é buscada por si mesma, e ocorre de maneira relativamente frequente.” (SVENDSEN, 2010, p. 24)

Foi, então, preciso usar um termo específico para caracterizar esse sistema. “Moda” vem do latim “*modus*”, e entra em voga em meados do século XVII na Itália. Segundo Calanca, a primeira obra literária a fazer uso da palavra moda foi, provavelmente, “La carrozza da nolo” (1646), de Agostio Lampugnani. A personagem Sonta Pagnalmino usava com certa frequência “moda” para indicar os franceses, seguidores da moda, refinados cultores de elegância. Desde este momento, o termo “moda”, já conservava os valores efêmeros e se referia às convenções sociais, à decoração, modos de pensar, escrever e de agir, além da roupa propriamente dita. (CALANCA, 2008)

Outro evento marcante para a moda se estabelecer ao modelo que se estabeleceu aos critérios que conhecemos hoje foi o surgimento da Alta-Costura. Por volta de 1860, surge em Paris a primeira casa de criação de moda. Se antes as modistas e costureiros apenas confeccionavam aquilo que era de desejo dos clientes, a partir de então, com Charles Frederick Worth, ocorria uma inversão de papéis:

De uma era em que a cliente coopera com a costureira a partir de um modelo em suma fixo, passou-se a uma era em que o vestuário é concebido, inventado de ponta a ponta pelo profissional em função de uma inspiração e de seu gosto. Enquanto a mulher tomou-se uma simples consumidora, ainda que de luxo, o costureiro, de artesão, transformou-se em artista soberano. (LIPOVETSKY, 2009, p. 92)

O costureiro tomou para si a escolha do tecido, ornamentos, desenho, detalhes produção e distribuição dos seus trajes. A partir de então, os trajes eram apresentados em modelos vivos para serem escolhidos pelas clientes e reproduzidos para as mesmas sob preços altíssimos. Assim, o costureiro deixou de ser apenas um artesão e se transformando em artista, com direito à assinatura em suas obras.

Foi neste momento que o criador se transforma em valor agregado à peça, como um sinal de prestígio. Era preciso desembolsar uma boa quantia em dinheiro para ter uma roupa assinada por um costureiro famoso, também era um privilégio vestir os trajes de costureiros renomados que assim como Worth, atendiam à alta aristocracia, cortesãs e princesas. Essa dinâmica se apresenta de forma semelhante ainda na atualidade.

### **3. A FILOSOFIA EM “A MODA”**

Simmel em “A Moda” nos apresenta uma importante contribuição teórica para a moda como campo saber e nos proporciona a possibilidade de uma análise filosófica da moda como um sintoma antropológico. Ainda que a moda pareça estar mais próxima das abordagens teóricas da sociologia e antropologia, Simmel nos mostra, colocando a moda sob a luz da filosofia, uma reflexão sobre a moda que vai além desses campos e transita no que Simmel chamou de amplitude universal da existência.

O autor executa a análise da moda evidenciando conceitos filosóficos para apresentar a dinâmica da moda. O conceito do movimento entre os opostos está presente no dualismo apresentado por Simmel, o autor pontua que o interesse pelo movimento, representado pela transição entre forças opostas, é natural do ser; a mimese, como uma tendência psicológica à imitação é colocada como um modelo dado, que permite aos indivíduos satisfazer a ânsia de apoio social. Dessa forma, Simmel coloca a moda como aquilo que permite, através de sua dinâmica, a distinção e inserção social, sendo um fator de fusão entre o singular no universal.

Através de Simmel, podemos compreender os conceitos do devir e mimese para a formação das bases teóricas para a dinâmica do sistema da moda: “Se faltar apenas uma dessas tendências sociais que tem de se conjugar para sua formação, a saber, a necessidade de união, por um lado, e de separação, por outro, a moda não acontece, seu império tem fim.” (SIMMEL, 2008, p. 169)

#### **3.1 O DEVIR**

O devir é apresentado ao longo de “A moda” como o dualismo que “se manifesta a unidade total da vida.” (SIMMEL, 2008, p. 163). Essa ideia apresentada por Simmel que relaciona os conceitos do movimento entre os opostos ou devir à moda foi proposta inicialmente pelo filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso (540 a.C. – 480 a.C.). O pensador naturalista propôs o dinamismo universal de um fluxo perpetuo de movimento de um oposto ao outro como a ordem da realidade e princípio, sendo o processo de fluxo entre um contrário e outro chamado

de devir ou “vir-a-ser”. Segundo o Reale, o devir proposto por Heráclito seria um eterno embate entre os opostos:

O devir ao qual tudo esta destinado caracteriza-se por continua passagem de um contrario ao outro: as coisas frias se aquecem, as quentes se resfriam, as úmidas secam, as secas tornam-se úmidas, o jovem envelhece, o vivo morre, mas daqui-lo que está morto renasce outra vida jovem, e assim por diante. Há, portanto, guerra perpétua entre os contrários que se aproximam. (REALE, 2003, p. 23)

A doutrina conhecida como “*panta rhei*” (Πάντα Ρεῖ), traduzida como “tudo escorre” ou “tudo flui” é a base de sua filosofia, e expõe os princípios da harmonia dos opostos: “O que é oposição se concilia e das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia, e tudo é gerado por via de contrastes” (HERÁCLITO, FR. 8 DIALS-KRONZ *apud* REALE, 2003, p. 52). Heráclito ficou conhecido como “o obscuro”, pois revelava sua filosofia através de aforismos, sendo “não se pode descer duas vezes no mesmo rio” o mais famoso deles.

O devir de Heráclito foi resgatada por Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). A obra “*τῆ φυσικῆ*” (sobre a natureza ou filosofia natural) teve o título traduzido como “A física”, apresenta ao longo de seus oito livros sua “filosofia segunda”, ou seja, a investigação a respeito do mundo das coisas sensíveis. Os livros cinco e seis investigam o movimento e ainda que essa obra se dedique ao sensível o filósofo apresenta diversas considerações metafísicas.

Ao analisar seus fundamentos sob a ótica metafísica se faz possível relacionar o “ser como potência” e o “ser como ato” ao movimento entre o “não-ser” e o “ser”, uma vez que, segundo Aristóteles, o movimento é “o ato ou a transformação em ato daquilo que é potencia enquanto tal.” (ARISTOTELES *apud* REALE, 2003, p. 207)

Recorrendo às ideias do devir, Simmel, ao longo de “A moda”, expõe os argumentos que corroboram para o movimento entre os opostos, sendo esse considerado a unidade total da da vida e um caráter da condição humana, se manifestar no fenômeno da moda:

Esse dualismo não pode ser descrito em termos diretos, mas apenas nas oposições singulares que são típicas de nossa existência e que são apreendidas como sua forma última e conformadora. A primeira indicação é dada pela base fisiológica de nosso ser: ela requer tanto o movimento, quanto o repouso, tanto a produtividade, quanto a receptividade. Transportando isso para a vida do espírito, somos inclinados, por um lado, à aspiração ao geral, assim como à necessidade de apreender o singular; aquele garante a nosso espírito de tranquilidade, enquanto a particularização o faz se mover de caso para caso. (SIMMEL, 2008, p. 163)

Ainda reforçando o caráter ontológico da moda, Simmel aponta que tudo que é essencial para nossa espécie ao longo da história é formado pelo equilíbrio de forças entre a mudança e permanência: “Toda forma de vida essencial na história de nossa espécie mostra em seu domínio uma maneira particular de unir o interesse pela permanência, pela unidade, pela igualdade, ao interesse pela mudança, pela particularidade e pela singularidade.” (SIMMEL, 2008, p. 164)

Sendo o devir a condição ontológica do ser, percebemos que esse fator determina as bases da construção da moda como um fenômeno caracterizado pelas mudanças. Lipovetsky em “O império do efêmero” defense o fator humano social como determinante para o devir da moda: “a efervescência temporal da moda não deve ser interpretada como a aceleração das tendências para a mudança, mais ou menos realizadas segundo as civilizações, mas inerentes ao fator humano social.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 37)

Mas, afinal, por que a condição humana fora se refletir e determinar os caminhos que transformaram a indumentária na moda como fenômeno antropológico? É fato que os indivíduos atribuem significado para explicar sua razão no mundo e tudo que o rodeia desde os tempos míticos, e, sendo a roupa um elemento presente no cotidiano da sociedade, a atribuição de significado aos trajes - os transformando em moda, pode ser visto como um sintoma da própria condição humana. Assim, natureza humana é a causa e a razão de ser do sistema da moda.

Lipovetsky defende que “não há sistema da moda senão na conjunção dessas duas lógicas: a do efêmero e a da fantasia estética” (LIPOVETSKY, 2009, p. 37), e nessa efemeridade que moda e devir se encontram.

A efemeridade é a vocação da moda e seu devir é, segundo Simmel, “apenas a condensação de um traço psicológico de época” (SIMMEL, 2008, p. 171) pois, ainda segundo o autor, “quanto mais nervosa é uma época, tanto mais rápida são as mudanças da moda, pois a necessidade de excitantes diferenciais, um principais vetores de toda moda, anda junto com a diminuição das energias nervosas.” (SIMMEL, 2008, p. 169)

O jogo da moda com seu tempo é uma eterna ruptura com o passado, sendo essa ruptura o esforço da humanidade tende a fazer para aguçar sua consciência do tempo presente. Uma moda, ao ganhar espaço dentro da sociedade, caminha para o seu fim, pois sua atração pela novidade faz de sua expansão ao longo do tempo a destruição do seu próprio sentido. Segundo Barthes “cada nova moda é uma recusa de herdar, uma subversão contra a opressão da moda anterior” (BARTHES, 2009, p. 402), essa opressão citada por Barthes pode ser entendida como a homogeneidade, citada por Simmel, que resulta na expansão e extinção de uma moda.

O devir da moda, esse ser-moda e não-ser-moda que faz parte de sua lógica, pode parecer desclassificá-la, pois algo fugaz pode ser considerado por muitos inapreciável. Afinal, onde está o valor de algo passageiro e irracional? No entanto não o faz: “sua vocação a ser substituída, essa efemeridade, não a desclassifica de maneira nenhuma e sim aumenta ainda mais seu atrativo.” (SIMMEL, 2008, p.172)

### 3.2 MIMESE

O sistema da moda não é formado apenas por sua efemeridade, uma outra condição que forma sua dinâmica: a mimese<sup>2</sup>. Mimese, chamada de *metéxis* por Abbagnano (2007) é o termo utilizado por Platão para designar um dos tipos de relação possíveis entre o mundo sensível e o campo das ideias, sendo essa relação de reprodução/cópia. Essa concepção fora apresentada e criticada inicialmente por Platão, pois o filósofo acreditava que a o mundo sensível seria apenas um cópia inferior do inteligível mundo das ideias.

A mimese é restaurada por Aristóteles em sua obra “Περὶ ποιητικῆς” (A poética) ao julgar que “imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros vivos, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por intuição, aprende as primeiras noções), e os se comprazem no imitado.” (ARISTÓTELES, 1998, §13) Assim, o filósofo defende que exatamente essa natureza imitativa deu origem à poesia. Nessa obra, através da análise da poesia e da tragédia, Aristóteles apresenta a mimese como conceito principal da arte literária e formulações filosóficas se tornaram a base da teoria estética literária e teatral. Aristóteles nos possibilita perceber a mimese como algo além da imitação pura e simples inata aos seres humanos, mas a imitação das coisas possíveis algo com objetivo de superar seu original afim de melhorá-lo, adequá-lo, elevá-lo e criar um novo parâmetro para observação do real:

Por isso a poesia é mais séria e filosófica do que a história: aquela comunica o universal, esta relata o particular. Universal é que tipo de coisa cabe a uma pessoa de determinada qualidade dizer ou fazer segundo o provável e o necessário, o que visa a poesia na maneira

---

<sup>2</sup> Ou *mimesis*



como atribui os nomes [aos personagens]. O particular é aquilo que Alcibiades fez ou sofreu. (ARISTÓTELES, 1998, 1451b)

Assim, percebemos que o conceito de mimese reestabelecido por Aristóteles representa uma condição inata aos seres humanos, algo de sua própria natureza que se revela em suas ações. Essa doutrina ecoa em “A moda” de Simmel que determina a imitação como algo que “pode ser designada como uma herança psicológica, como a transposição da vida do grupo na vida individual” (SIMMEL, 2008, p. 164) e continua: “A imitação corresponde, assim, em todos os fenômenos em que é um fator constitutivo, a uma das tendências fundamentais de nosso ser, aquela que se satisfaz na fusão do singular no universal, acentuando a permanência na mudança.” (SIMMEL, 2008, p. 165)

O mimetismo é o outro elemento que complementa e forma, juntamente com o devir, o sistema da moda. Através dele uma moda é capaz de alcançar sua difusão. Adam Smith em “A teoria dos sentimentos morais” de 1759, obra que antecede a publicação de Simmel, compactua com essa visão: “É em razão de nossa disposição para admirar, e conseqüentemente imitar, os ricos e notáveis que lhes é possível estabelecer ou conduzir, o que chamamos de moda.” (SMITH *apud* SVENDSEN, 2010, p. 43)

Gebauer e Wulf em “Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas” conceituam a mimese como uma intermediação entre mundos e pessoas:

Com a ajuda de capacidades miméticas percebe-se uma semelhança entre si e o outro e experimentar-se a percepção de si do outro. Desta forma chega-se à concordância do agir, das opiniões e dos sentimentos entre os homens. A criação mimética de uma extensão simbólica tem relação com outros mundos; ele serve de intermediária entre mundos e pessoas. (GEBAUER; WULF, 2004, p. 38)

Ao imitar, o indivíduo institui essa intermediação entre os mundo, ele se coloca em determinado contexto, se inserindo em grupo cultural, econômico ou social. A imitação assegura que a necessidade de aprovação social seja correspondida:

Ela dá ao indivíduo a segurança de não estar sozinho em suas ações e se apoia no exercício da mesma atividade até aqui estabelecida como sobre um sólido fundamento que a alivia da dificuldade de se sustentar a si mesma. Ela nos traz, na prática, a tranquilidade peculiar garantida na teoria quando classificamos um fenômeno singular com um conceito universal. Quando imitamos, não apenas impelimos a exigência de uma energia produtiva para o outro, mas, ao mesmo tempo, também a responsabilidade por essa ação; assim, o indivíduo se livra do tormento da escolha, fazendo-a aparecer como um produto do grupo, como um recipiente de conteúdos sociais. (SIMMEL, 2008, p. 164)

A origem da moda, seu mimetismo e a divisão de classes sociais estão associados. Como já foi mencionado anteriormente, a origem da como fenômeno teve sua gênese através da cópia dos trajes da nobreza pela burguesia em uma tentativa de se aproximar daquela camada social, por isso é dito que a moda é um produto da divisão de classes: “pois naturalmente as classes baixas dirigem seus olhares e seus esforços para cima e podem fazê-lo da melhor maneira nos domínios submetidos à moda, porque esses são geralmente mais acessíveis à imitação externa.” (SIMMEL, 2008, p. 168)

A mimese na moda se manifesta dentro das camadas sociais como um gotejamento “em que a inovação ocorre num nível mais alto e depois se espalha pelas camadas inferiores porque as classes mais baixas se esforçam para se elevar, o que as leva a estar sempre um passo atrás.” (SWENDSEN, 2010, p. 42)

Em uma sociedade sem distinção das camadas sociais, a necessidade de diferenciação ou imitação não se faz possível. Simmel defende que a aquilo dito como moda deve ser do domínio de apenas parte de um grupo e que através do tempo ganhe a coletividade, pois o item ou costume, que é tido ou praticado por todos não pode ser tido como item de moda.

No entanto, a mimese na moda se configura com o caráter paradoxal, pois é a mesma cópia que eleva tal objeto a qualificação de moda, é a que - em proporções elevadas, a extingue, se tornado, o que Kant chamou de costume:

Todas as modas constituem, já por seu mero conceito, modos de vida inconstantes. Pois se o jogo da imitação for fixado, então esta se tomará costume, onde já não se visa o gosto. A novidade é, portanto, o que torna a moda apreciada, e ser inventivo em todas as formas exteriores, ainda quando estas frequentemente degeneram em excentricidade e, em parte, em feiura, faz parte do tom das pessoas da corte, principalmente das damas, então avidamente seguidas pelas outras, as quais ainda se arrastam por muito tempo entre as classes inferiores com coisas que aquelas já deixaram de usar. (KANT, 1978, p. 148)

Sem que um objeto em questão seja copiado a moda não existe, é necessário que a haja interesses da esfera coletiva por tal objeto. Simmel também aponta a moda como aquilo que “leva o singular à via seguida por todos” (SIMMEL, 2008, p. 165), assim percebemos a mimese como aquilo que permite a existência de uma moda.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através de sua fundamentação, Simmel, nos proporciona uma visão da dinâmica da moda como um fluxo eterno na busca pela inovação e uma tendência à inspiração e cópia, sendo o devir e a mimese as bases que corroboram para a moda ser uma possibilidade da fusão dos universais aos singulares.

Percebemos, assim uma semelhança entre sistema da moda com a proposta dialética hegeliana, o que mais uma vez permite a aproximação da moda e filosofia. Podemos compreender a dialética genericamente como um “processo em que há um adversário a ser combatido ou uma tese a ser refutada, e que supõe, portanto, dois protagonistas ou duas teses em conflito; ou então que é um processo resultante do conflito ou da oposição entre dois princípios, dois momentos ou duas atividades quaisquer.” (ABBAGNANO, 2007, p. 269)

Para o filósofo alemão G. W. F. Hegel a dialética se manifesta como a síntese dos opostos em toda a realidade, assim seu modelo baseado em tese, antítese e síntese, pode ser observado em toda a realidade.

Assim, observamos aqui a possibilidade de relacionar o devir e a mimese como parte desse processo dialético, sendo a moda em uso, aquela que já alcançou o status cópia como o elemento a ser combatido pela introdução de outro elemento de moda. Simmel, reforça o caráter dialético da moda, o autor afirma que “a moda ganha seu caráter na destruição de um conteúdo passado e de adoção de uma homogeneidade peculiar que não consegue mais separar o impulso de destruição do impulso para conteúdos positivos.” (SIMMEL, 2008, p. 174)

A lógica de seu sistema baseada na necessidade do novo e da diferenciação, juntamente com a imitação integra o indivíduo à determinado grupo, mas também possibilita que ele seja singular dentro desse mesmo grupo ou camada social. A moda se mostra como capaz de unir a dimensão singular ao caráter universal.

Dessa forma, o sistema da moda nada mais é que um sintoma, a tradução das necessidades humanas concretizadas em uma sociedade de consumo: “Vimos que a moda, por assim dizer, traz às diversas dimensões da vida uma coincidência original por ser uma configuração complexa em que todas as tendências principais e opostas da alma estão representadas” (SIMMEL, 2008, p. 183). Sendo assim, essa aproximação da moda e filosofia nos proporciona perceber a moda como aquilo que permite nossa compreensão histórica e social, assim como os elementos metafísicos que permeiam toda a dimensão das roupas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ARISTÓTELES. **Poética**: tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Trad. Eudoro de Sousa. 5 ed. [S.l.]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GEBAUER, Günther; WULF, Christoph. **Mimese na Cultura: Agir Social, Rituais e Jogos, Produções Estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático**. 1 ed. São Paulo: Illuminuras LTDA, 2006.

PRECIOSA, Rosane. Moda na filosofia in **Iara Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo, v.1. Nº1, 2007. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/397> Acesso em: 14 Out 2016

REALE, Giovanni. **História da filosofia : filosofia pagã antiga**, v. 1 | Giovanni Reale. Dario Antiseri ;[tradução Ivo Storniolo]. - São Paulo : Paulus. 2003.

SIMMEL, Georg. A Moda. **Iara Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo, v.1. Nº1. Ago/out 2008. Disponível em: <https://go.gl/Wbw96M> Acesso em: 25 Out 2016

SVENDSEN, Lars. **Moda : uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.